
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

ESCRavidÃO SEM ESCRavidÃO

Raquel Lais Vitoriano de Lima Pires (UEL)
raquelais@gmail.com

RESUMO: Pretende-se neste trabalho analisar algumas crônicas de Machado de Assis em que é evidenciada a condição do negro após a libertação ocorrida em 13 de maio de 1888. Nessas crônicas, toda a genialidade machadiana se encontra presente, pois mostram histórias diferentes de negros que ganharam a liberdade, mas não conseguiram usufruí-la, seja por desconhecimento de seu direito seja por vontade “própria”, já que muito não sabiam o que fazer com essa liberdade. Ao negro, foi dada a liberdade, porém, “esqueceram” de dar também a dignidade.

PALAVRAS-CHAVE: libertação; escravidão; Machado de Assis; crônicas.

A literatura não só representa como também nos apresenta a vida. Através dela conhecemos culturas e junto com ela acompanhamos as mudanças de comportamento do homem ao longo dos séculos, e por fim, percebemos que por meio dela conseguimos refletir sobre a vida. A reflexão nesse trabalho será feita através de um gênero narrativo que se consolidou no Brasil – a crônica. Valendo-se dos fatos miúdos, daqueles detalhes mínimos muitas vezes esquecidos, o cronista, com seu olhar atento diante dos fatos corriqueiros e banais, aprecia e retrata de maneira singela e perspicaz o espetáculo da vida.

Com o desenvolvimento da imprensa, a partir do século XIX, a crônica começou a fazer parte dos jornais, devido ao fato de este ser o lugar próprio para divulgar notícias. Inicialmente, a crônica tinha um teor totalmente histórico, porém, ao migrar para os jornais, ela adquiriu certa dose de criticidade, deixando de ser somente relato para ser também um lugar de expressar e discutir ideias. Assim, a incorporação das crônicas em um veículo de comunicação foi feita de forma natural, visto que ela já fazia o que o jornal pretendia – informava, todavia, ampliava as informações à medida que analisava sobre outros aspectos.

Publicada em uma coluna de rodapé, o gênero foi crescendo e ganhando espaço, meio notícia, meio comentário, a popularidade aumentou. A crônica tornou-se uma

prática muito cultivada no Brasil, tendo seu início, propriamente dito, em meados do século XIX. Autores como José de Alencar e Joaquim Manuel de Macedo foram autores que escreveram muito esse gênero ao longo de suas vidas. Pouco depois, surgiu Machado de Assis, negro, pobre, gago, epilético, criado como agregado, tornando-se um gênio da literatura ocidental, dando à crônica uma pitada de crítica com humor e sarcasmo diante de uma sociedade escravocrata, hipócrita, provinciana e cheia de falsos moralismos.

Seus textos evidenciavam a época em que escrevia, pois falava dos fatos acontecidos na semana. No entanto, suas crônicas transitavam entre a notícia e a ficção, já que seus textos e pensamentos transcendiam a simples notícia, permitindo que o leitor refletisse de maneira mais completa sobre sua realidade. Machado sofreu as mudanças exigidas pelos jornais e amadureceu junto com eles no desenvolvimento do gênero que viria a ser a crônica que se conhece hoje. Nas palavras de Machado, a crônica é “como a poesia; *ça ne tire pás à conséquence*. Quem passa por uma igreja, descobre-se; quem passa por um botequim, não se dá a esse trabalho; entra a beber uma xícara de café ou um gole; pede duas lérias aos amigos, quer ouvir morder na pele do próximo; exige cócegas, pelo menos. É assim a crônica” (Assis 2008: 36).

Relato de todos os dias e de todos os tempos, fala da vida pautando sua essência no cotidiano. Falando de vida, o cronista acaba fazendo uma ponte entre ficção e História, porém nela “**não são trabalhadas as ilusões do discurso jornalístico; ao contrário**. Se o discurso jornalístico se supõe objetivo, neutro, transparente; da crônica se aponta a subjetividade, a parcialidade e a polissemia.” (Medeiros 2008). Os assuntos podem sim ser os mesmos, já que inicialmente as crônicas são publicadas dentro do jornal, mas os comentários a respeito dos fatos são diferentes, pois a crônica ressalta detalhes ignorados pelos jornalistas e pelo público. Massaud Moisés enfatiza que:

a crônica move-se entre ser *no* e *para* o jornal, uma vez que se destina, inicial e precipuamente a ser lida na folha diária ou na revista. Difere, porém, da matéria substancialmente jornalística naquilo em que, apesar de fazer do cotidiano o seu húmus permanente, não visa à mera informação: o seu objetivo, confesso ou não, reside em transcender o dia-a-dia pela universalização de sua virtualidades latentes, objetivo esse via de regra minimizado pelo jornalista de ofício. O cronista pretende-se não o repórter, mas o poeta ou o ficcionista do cotidiano, desentranhar do acontecimento sua porção imanente de fantasia. (1985: 104)

A crônica parte das situações cotidianas e a partir disso as recria dentro de outro formato. Formato este que se caracteriza por reconstituir a notícia e, como é um texto literário dentro do jornal, ela propõe uma espécie de avesso da notícia. O cronista utiliza muitas vezes do humor para satirizar e ironizar uma certa reportagem, como será evidenciado e analisado logo adiante.

O cotidiano, portanto, é o lugar onde as práticas sociais são desenvolvidas, sejam elas banais e desprovidas de consciência crítica ou determinantes para um amadure-

cimento das habilidades imprescindíveis para a vida. Ele persiste de forma muito clara e contundente nas crônicas e ganha sempre certo destaque, feito através de cenas e comportamentos. Logo, a crônica se vê pertencendo a esse contexto cheio de mudanças, exigindo participação ativa por parte dos cronistas. A aproximação com o cotidiano se dá também “por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural” (Candido 1992: 13) .

Em vista de tudo isso, talvez o papel de uma crônica seja apontar as coisas pequenas e tentar, dessa forma, chamar a atenção do leitor para os momentos que são, por vezes, ignorados. De maneira leve e solta, a crônica traz à tona aquilo que está esquecido e que talvez possa ser recuperado e é exatamente isso que será evidenciado nesta análise, fatos considerados menores, mas que devem ser abordados.

As crônicas de Machado selecionadas pertencem à coluna *A semana* que ele mantinha no jornal *Gazeta de notícias*, publicadas no período de maio de 1892 até novembro de 1897. Em seu ofício de cronista, expôs a condição do negro, antes, durante e depois do processo de abolição. A temática referente ao negro não é o assunto que predomina na obra do autor, o que ele faz é comentar sobre as relações sociais e humanas como um todo, explicitando questões que mostram a exploração pela qual as pessoas de classe menos favorecidas vivenciavam e, por isso, os negros não poderiam ser esquecidos. Através de sua ironia sutil e cuidadosamente calculada, mostrava a situação complexa e crítica pela qual passavam os negros no Brasil, além da relação conflituosa existente entre negros e brancos que infelizmente traz resquícios até os dias de hoje.

Nas crônicas que serão analisadas neste trabalho, optou por abordar um fato desconhecido ou pelo menos fingidamente esquecido: alguns negros continuaram escravos por um longo período, mesmo com a libertação.

Ao contrário do que muitos acreditam, a libertação não foi um ato bondoso e desinteressado, tendo em vista que pressões externas e internas colaboraram para que a abolição fosse concedida. Entre as causas, pode-se citar os movimentos abolicionistas que estavam em crescimento e adquirindo força por todo o país, as fugas constantes de escravos para quilombos e, principalmente, o fato de que não era mais economicamente viável a manutenção desses escravos, tendo em vista que o tráfico havia sido proibido.

De qualquer forma, a libertação foi uma conquista muito relevante e absolutamente necessária. Tudo parecia perfeito não fossem os problemas que surgiram após a libertação. A sociedade estava dividida entre os que eram favoráveis e os que não queriam a abolição. Havia ainda aqueles que defendiam uma libertação gradativa para que a lavoura não sofresse um prejuízo brusco. Outra questão era que os fazendeiros não foram indenizados pela perda que tiveram com cada escravo liberto e estavam furiosos com o prejuízo que estavam tendo.

Do outro lado, os problemas também apareciam, já que o negro era agora liberto, mas “esqueceram” de garantir a eles direitos essenciais, como moradia, trabalho, escola. Ou seja, eram libertos, mas sem condições de cidadania e, por isso, continuavam a ser excluídos socialmente. Todas essas questões estavam em discussão e o ambiente era tenso.

As duas primeiras crônicas a serem analisadas datam do dia 15 de maio de 1892 e 1 de janeiro de 1893, respectivamente, e tratam do mesmo assunto. A primeira se inicia de forma irônica, arma comum do autor, dizendo que:

não há abertura do Congresso Nacional, não há festa de Treze de Maio, que resista a uma adivinhação. [...] A festa de Treze de Maio comemorava uma página da história, uma grande, nobre e pacífica revolução, com este pico de ser descoberta uma preta Ana ainda escrava, em uma casa de S. Paulo. Após quatro anos de liberdade, é de se lhe tirar o chapéu. (Assis 2008: 66)

O fato é triste, já que é uma situação inadmissível. O cronista desdenha do fato, pois como pode uma escrava livre por quatro anos não saber que era liberta, talvez “esqueceram” de avisá-la. Para expor o teor da barbárie, o cronista compara a escrava – Ana – a Epimênides, habitante de Creta, que teria ficado adormecido no interior de uma caverna por mais ou menos 57 anos após desviar-se do seu caminho.

Essa intertextualidade serve para o escritor expor a situação absurda numa metáfora do sono. “Epimênides também dormiu por longuíssimos anos, e quando acordou já corria outra moeda; mas dormia sem pancadas. A preta Ana dormiu na escravidão, não sabendo até ontem que estava livre [...]” (Assis 2008: 66). O sono de Ana não é igual ao de Epimênides e nem o esquecimento passado por ambos. Epimênides acordou e ganhou a fama de curador e purificador, Ana “acordou” e descobriu-se enganada e com a dignidade ofendida. O caso foi parar nos jornais, virando uma das notícias mais comentadas daquela semana e intrigando as pessoas que acreditavam que a escravidão havia acabado, mas também despertou a fúria de muitos senhores de escravos.

A segunda crônica fala sobre outro negro que descobriu que era liberto. Machado, mais uma vez, usa da intertextualidade para explicar o fato.

Há fatos mais extraordinários que a desolação de Babilônia. Há o fato de um preto de Uberaba, que, fugindo agora da casa do antigo senhor, veio a saber que estava livre desde 1888, pela lei da abolição. Faz lembrar o velho adágio inglês: “Esta cabana é pobre, está toda esburacava; aqui entra o vento, entra a chuva, entra a neve, mas não entra o rei.” O rei não entrou na casa do ex-senhor de Uberaba, nem o presidente da república. (Assis 2008: 70)

Aqui, fala da Babilônia, importante cidade do sul da Mesopotâmia que, após longos anos de prosperidade com um grande império e cobijado centro comercial, foi enfraquecendo devido às disputas pelo seu domínio, até ser desolada. O cronista re-

lembra o fato e diz que isso não é tão importante quanto o que aconteceu em Uberaba. Um negro permaneceu, por cinco anos, escravo por ignorância e, principalmente, descaso por parte de seu dono, o negro veio a descobrir sua liberdade quando fugiu da casa do senhor.

O autor diminui um fato incontestável e historicamente importante, como é a queda da Babilônia, e exalta o que é desprezado e esquecido pelas pessoas, que é a falta de humanidade tida com os negros, agora libertos, todavia sem poder desfrutar do seu direito. De maneira irônica, mostra a sociedade hipócrita que havia no Brasil, pois qualquer fato era discutido, até um acontecimento já resolvido pela história. Nesse caso, a situação do negro era algo que deveria estar em plena discussão e em busca de solução. No entanto, a liberdade do negro representava prejuízo para os senhores e um gigantesco problema social.

Outra intertextualidade é a citação do adágio inglês, explicando que as leis só chegam para os ricos para que eles decidam como agir de acordo com seus interesses. O autor denuncia a falta de cumprimento da lei que devia beneficiar os negros após tanto tempo de escravidão.

Machado explica que “renunciar ao escravo é um crime, terá dito o senhor de Uberaba, e já é outro voto para a opinião do nosso intendente” (Assis 2008: 71). Além de falar que a sociedade capitalista da época não dava a mínima atenção para a abolição, lembra que ter essa posição era também uma questão política, já que a opinião pública esperava isso de pessoas, como mostra a passagem transcrita, que almejavam o poder. Mais uma vez, os desejos, as necessidades e o direito dos negros foram reduzidos a nada, a algo sem importância.

Se, nessas crônicas, observaram-se dois casos em que se descobre a abolição depois de muitos anos, no texto seguinte, do dia 4 de novembro de 1897, há o exemplo de um negro que sabe da sua liberdade desde o início, todavia, não sabe o que fazer com ela. Machado conta a história da “devoção” de um negro que continuou a exercer sua função de escravo mesmo depois da abolição. Trata-se de João que era sineiro da Glória e manteve seu ofício até sua morte:

O sineiro da Glória [...] era um escravo, doado em 1853 àquela igreja, com a condição de a servir dois anos. Os dois anos acabaram em 1855, e o escravo ficou livre, mas continuou o ofício. Contem bem os anos, quarenta e cinco, quase meio século, durante os quais este homem governou uma torre. A torre era dele, dali regia a paróquia e contemplava o mundo. (Assis 2008: 75)

Interessante o fato de que ele continuou a tocar o sino, pois provavelmente não saberia o que fazer com a sua liberdade, pois não teria para onde ir. Dizer que ele decidiu permanecer no local por pura devoção, seria ingenuidade. Sua identidade já havia se confundido com o serviço prestado e, sem ele, João não seria nada, ficaria na rua como tantos outros negros, sem rumo, sem chão e sem dignidade. No tempo em que serviu na Glória, João pôde desfrutar de sua dignidade por meio do comando que

exercia sobre o sino e sua liberdade era a contemplação do mundo quando estava na torre. De maneira triste, o cronista vai expondo como a vida de João foi seguindo:

Em vão passavam as gerações, ele não passava. Chamava-se João. Noivos casavam, ele repicava às bodas; crianças nasciam, ele repicava ao batizado; pais e mães morriam, ele dobrava aos funerais. Acompanhou a história da cidade. Veio a febre amarela, o cólera-mórbus, e João dobrando. Os partidos subiam ou caíam, João dobrava ou repicava, sem saber deles. Um dia começou a guerra do Paraguai, e durou cinco anos; João repicava e dobrava, dobrava e repicava pelos mortos e pelas vitórias. Quando se decretou o ventre livre das escravas, João é que repicou. Quando se fez a abolição completa, quem repicou foi João. Um dia proclamou-se a república, João replicou por ela, e repicaria pelo Império, se o Império tornasse. (Assis 2008: 75-76)

Assim como os sinos, João repicava, ia tocando em frente, no compasso do sino até parar de soar aos oitenta anos de idade. “O menos que lhe podiam dar era um dobre de finados, mas deram-lhe mais; a Irmandade do Sacramento foi buscá-lo à casa do vigário Molina para a igreja, rezou-se-lhe um responso e levaram-no para o cemitério, onde nunca jamais tocará sino de nenhuma espécie; ao menos, que se ouça deste mundo.” (Assis 2008: 76) Nos outros casos, a descoberta é sinônima de esperança, pois agora estão livres, aqui, objeto e ser humano se confundem ao ponto de não saber o que fazer com essa liberdade e a solução é continuar com o ofício exercido durante toda a vida.

A última crônica a ser analisada, do dia 16 de outubro de 1892, relata a inauguração dos bondes elétricos e do primeiro contato que o narrador do texto teve com eles, para então, com a genialidade machadiana, começar a fazer uma alegoria com os burros que puxavam os bondes. O cronista expõe um diálogo entre dois burros:

- Desde que a tração elétrica se estenda a todos os bondes, estamos livres, parece claro.

- Claro parece; mas entre parecer e ser, a diferença é grande. Tu não conheces a história da nossa espécie, colega; ignoras a vida dos burros desde o começo do mundo. Tu nem refletas que, tendo o salvador dos homens nascido entre nós, honrado a nossa humildade com a sua, nem no dia de Natal escapamos da pancadaria cristã. Quem nos poupa no dia, vingá-se no dia seguinte. (Assis 2008: 68)

Machado manipula o leitor de modo a convencê-lo sobre o assunto que abordará. De início, parece algo simples, pois o fato de bondes elétricos tomarem o lugar dos burros faz parte da modernização pela qual as cidades estão passando. Porém, o rumo da conversa começa a intrigar e a provocar reflexão, já que, como é comum em alegorias, o que está sendo dito representa um sentido diferente do exposto de maneira literal.

A alegoria é usada pelo cronista para evidenciar a condição do negro após a libertação, já que, assim como os bondes elétricos que fizeram com que os burros perdessem sua função, a abolição deu ao negro uma vida marginalizada, sem condições de dignidade. Antes, o negro, na condição de escravo, tinha uma função na sociedade, de servir ao branco, agora, liberto, tornou-se ninguém, não pertencendo a nenhum estágio da pirâmide social. É interessante a contradição desse fato, pois a liberdade deveria dar ao negro uma vida justa e digna e não fazê-lo um marginal; sua função não devia ser única e exclusiva de servir ao branco. O que se segue na crônica é a explicação de um dos animais sobre o tratamento que os senhores dão a eles:

- Sentiste o golpe? Perguntou o animal da direita. Fica sabendo que, quando os bondes entraram nesta cidade, vieram com a regra de se não empregar chicote. Espanto universal dos cocheiros: onde é que se viu burro andar sem chicote? Todos os burros desse tempo entoaram cânticos de alegria e abençoaram a idéia de trilhos, sobre os quais os carros deslizariam naturalmente. Não conheciam o homem.

[...]

- Aqui acho razão ao homem. Burro magro não tem força; mas, levando pancada puxa. Sabes o que a diretoria mandou dizer ao antigo gerente Shannon? Mandou isto: “Engorde os burros, dê-lhes de comer, muito capim, muito feno, traga-os fartos, para que se afeiçoem ao serviço; oportunamente mudaremos de política, *all right!*” (Assis 2008: 68)

Os maus-tratos passados pelos burros são os mesmos dados aos negros. Interessante essa comparação que o autor faz na crônica, em ambos os casos, a crueldade do homem fica evidente e causa repugnância. Mais adiante, o burro explica ao colega que a vinda do bonde elétrico não trará a eles nenhuma melhoria, eles só mudarão de donos:

- Pela burra de Balaão! Exclamou o burro da esquerda. Nenhuma aposentadoria? Nenhum prêmio? Nenhum sinal de gratificação? Oh, mas onde está a justiça deste mundo?

[...]

- Ficaremos soltos, na rua, por pouco tempo, arrancando alguma erva que aí deixem crescer para recreio da vista. Enfraquecemos; a idade ou a lazeira ir-nos-á matando, até que, para usar essa metáfora humana, esticaremos a canela. Então teremos a liberdade de apodrecer. Ao fim de três dias, a vizinhança começa a notar que o burro cheira mal; conversação e queixumes. No quarto dia, um vizinho, mais atrevido, corre os jornais, conta o fato e pede uma reclamação. No quinto dia sai a reclamação impressa. No sexto dia, aparece um agente, verifica a exatidão da notícia; no sétimo, chega uma carroça, puxada por outro burro, e leva o cadáver. (Assis 2008: 69)

Machado quer chamar a atenção para o fato de que o negro continua ignorado. Antes, havia pelo menos certa preocupação com eles, pois representavam lucro com o trabalho, agora não merecem nenhuma consideração. Com a libertação, as diferenças entre brancos e negros se intensificaram deixando a mostra uma ferida muito difícil de cicatrizar. O autor ainda brinca ao determinar o tempo que a morte de um “burro” demorará a ser descoberta. Porém, o comentário mais intrigante, o cronista deixou para o final:

proveitei a ocasião e murmurei baixinho entre os dois burros:

- *Houyhnhnms!*

Foi um choque elétrico. Ambos deram um estremeção, levantaram as patas e perguntaram-me cheios de entusiasmo:

- Que homem és tu, que sabes a nossa língua?

Mas o cocheiro, dando-lhes de rijo na lambada, bradou para mim, que lhe não espantasse os animais. (Assis 2008: 70)

Aqui, genialmente Machado deixa claro que sabe das dificuldades, dos preconceitos e que também sofre as hipocrisias da sociedade que ainda mantém um pensamento escravocrata. Seu discurso irônico, como aponta Heloisa Toller Gomes (1994: 182) mostra-se:

especialmente eficaz no tratamento da escravidão. Livre do didatismo e do moralismo exacerbados da literatura de tese; não endossando tampouco o alheamento do universo de seu tempo, dentre as quais e muito especialmente a das relações inter-raciais. Provocador e irreverente, recusando-se a acatar os padrões ideológicos vigentes, levantou ele dilemas sem se arvorar em fornecer soluções radicais ou conciliatórias, e pôs assim em foco setores mal iluminados das relações sociais em suas respectivas sociedades.

As quatro crônicas mostraram situações dos negros depois da libertação. Na primeira e na segunda, dois exemplos de pessoas que desconheciam seu direito à liberdade, pois não foram avisados dela; na terceira, um negro que não sabia o que fazer com a liberdade e, por isso, continua agindo como escravo. Por fim, a última crônica, a alegoria intrigante que mostra a situação marginal vivida pelos negros após a abolição.

Mesmo de maneiras diferentes, os textos se encontram ao abordar a condição de pessoas que ganham liberdade, porém não conseguem desfrutar dela. Ao dar liberdade, não permitiram que participassem da sociedade e que tivessem os mesmos direitos que os brancos. Machado,

[c]om suas artimanhas e zombarias, invoca o leitor e o adula, para em seguida brindá-lo com uma farpa afiada; revela e oculta as diversas faces de uma realidade multifacetada, verdadeiro saco sem fundo no qual materializam-se, através do jogo da palavra, ocorrências e sentimentos identificáveis. Mas

não há soluções confiáveis vindas da voz narrativa para os dilemas vividos pelos personagens, frequentemente tão perplexos e desinformados quanto o próprio narrador também pode sê-lo, ou imersos em vaidades estéreis. Em um mundo ficcional tão pouco confortador, o leitor perde, quando pensa achar, o fio do pensamento machadiano. Eco, ruptura, polifonia: características do discurso irônico. (Gomes 1994: 175-6)

As crônicas de Machado fazem uso do humor, mas especificamente da ironia, principalmente quando se quer fazer críticas ou até mesmo mostrar e/ou desvendar os mistérios dos seres humanos. A ironia acaba tendo uma função investigativa e até desmitificadora das ações humanas, mas para compreendê-la é necessário ver a sua significação social enquanto ponte para a reflexão.

Em outras palavras, a ironia machadiana explora a excentricidade e o conhecimento de mundo de cada leitor evidenciando muitas vezes situações tidas como absurdas e quase sempre transforma o homem através das suas ações cotidianas. Nesse trabalho, a crônica parece ter cumprir um significativo papel que é o de ajudar:

a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, uma renovação de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, - sobretudo porque quase sempre utiliza o humor. (Candido 1992: 14)

OBRAS CITADAS

ASSIS, Joaquim Maria Machado. 2008. *Machado de Assis afro-descendente: escritos de caramujo (antologia)*. 2ª edição. Org. Eduardo de Assis Duarte. Belo Horizonte: Pallas e Crisálida.

CANDIDO, Antonio. 1992. "A vida ao rés do chão". Antonio Candido et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora da Unicamp.

MEDEIROS, Vanise Gomes de. 2005. "Discurso cronístico: uma "falha no ritual" jornalístico". *Linguagem e Discurso*. 5.1. Disponível em <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0501/05.htm>. Acesso em 27/07/2008.

MOISES, Massaud. 1985. *A criação literária*. 10ª ed. São Paulo: Cultrix.

GOMES, Heloisa Toller. 1994. *As marcas da escravidão: o negro e o discurso oitocentista no Brasil e nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/EDUERJ.

SLAVERY WITHOUT SLAVERY

ABSTRACT: We aim in this work to analyze some *cronicas* written by Machado de Assis, in which the condition of the Black is evidenced after liberty granted by a royal decree in May 13, 1888. In these *cronicas*, all the wit of the author is present, because he shows different stories about Black people who were granted liberty but didn't get to have it, due to the ignorance of their rights or due to their own desire, considering that many of them didn't know what to do with this liberty. Liberty was given to Blacks, but somehow it was forgotten to give them also dignity.

KEYWORDS: liberty, slavery, Machado de Assis, *cronicas*.

Recebido em 15 de outubro de 2009; aprovado em 30 de dezembro de 2009.